

Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d' aquém e d' além mar: mudança em progresso?

Maria Alice TAVARES¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Neste artigo, trato da função que denominei “seqüenciação retroativo-propulsora”, responsável por estabelecer uma relação coesiva entre um enunciado passado e um futuro. Unindo pressupostos teóricos da Teoria Variacionista e do Funcionalismo Lingüístico, analiso os conectores seqüenciadores *e*, *aí*, *daí*, *então* e *portanto* como variantes no português brasileiro e no português europeu, verificando como eles são influenciados por grupos de fatores lingüísticos e sociais. Os resultados, obtidos através de análise quantitativa, permitem assumir a hipótese de que o domínio funcional da seqüenciação tem percorrido caminhos diferentes no PB e no PE.

Palavras-chave: domínio funcional da seqüenciação; português brasileiro e europeu

Abstract: In this paper I deal with the function I designate “seqüenciação retroativo-propulsora”, which is responsible for establish a link between a past statement and a future one. Through the combination of theoretical presuppositions of Variacionist Theory and of Linguistic Functionalism, I analyze the items of speech sequence *e*, *aí*, *daí*, *então* and *portanto* in Brazilian and European Portuguese as variants, trying to verify how they are affected by

¹ A autora realiza atividades de pesquisa e ensino na UFRN com bolsa DCR/CNPq processo nº 305448/02-1.

groups of linguistic and social factors. The results are obtained through quantitative analysis and allow me to assume the hypothesis that the functional domain of sequence is following along different paths in Brazilian and European Portuguese.

Keywords: functional domain of sequence; Brazilian and European Portuguese

Resumen: En este artículo trato sobre la función a la que he denominado “Sucesión retroactivo-propulsora”, responsable de establecer una relación cohesiva entre un enunciado pasado y un enunciado futuro. Uniendo presupuestos teóricos de la Teoría Variacionista y del Funcionalismo Lingüístico, analizo los conectores secuenciadores del portugués *e, aí, daí, então* y *portanto* como variantes en el portugués brasileño y europeo, verificando cómo les influyen los grupos de factores lingüísticos y sociales. Los resultados, obtenidos a través de análisis cuantitativo, permiten asumir la hipótesis de que el dominio funcional de la sucesión ha recorrido caminos distintos por el PB y por el PE.

Palabras clave: dominio funcional de la sucesión; portugués brasileño y europeo.

Introdução

Quando um falante estabelece uma relação coesiva de continuidade e consonância entre enunciados seqüenciados segundo uma ordenação temporal ou discursiva, está em jogo a função de seqüenciação retroativo-propulsora, estabelecendo uma ponte entre uma informação² passada e uma que se segue. Conectores como *e, aí, daí, então* e *portanto* são marcas recorrentes desse tipo de relação, podendo ser

² Por *informação* compreendo fatos/eventos e argumentos/idéias.

considerados como formas variantes no domínio funcional³ da seqüenciação, tomado aqui como variável dependente a ser analisada à luz da articulação de pressupostos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, 1972, 1994, 2001) e do Funcionalismo Lingüístico (cf. GIVÓN, 1993, 1995). Essa orientação de pesquisa pode ser denominada “*sociofuncionalista*”, pois aborda a variação lingüística sob o prisma da função semântico-discursiva das variantes e busca explicações de base funcionalista para os resultados quantitativos (NEVES, 1999; TAVARES, 2003).

Comparando textos orais do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), busco semelhanças e diferenças entre a seqüenciação de informações em ambas as comunidades de fala. Pretendo: a) operacionalizar a noção laboviana de variável em um fenômeno da interface sintaxe-semântica-discurso, tomando como variantes itens que desempenham uma mesma função/significação; b) averiguar que conectores são empregados para seqüenciar informações na fala no PB e no PE; c) analisar os condicionamentos lingüísticos e sociais sobre o uso desses conectores, destacando o papel da subfunção seqüenciadora, do nível de articulação, da escolaridade e da idade; c) investigar se a distribuição das formas seqüenciadoras revela indícios de

³ Emprego *domínio funcional* no sentido de GIVÓN (1984) em referência a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, impessoalização ou áreas mais estritas (micro-domínios), como o tempo futuro, o modo subjuntivo, o sujeito, o tópico, a dêixis, a anáfora, etc. Assim, temos a seqüenciação retroativo-propulsora como um micro-domínio funcional em relação ao da articulação/conjunção geral entre informações, que engloba a seqüenciação, a adversão, a concessão, a causalidade, e todos os demais tipos de relações conjuntivas. Ao mesmo tempo, a seqüenciação é um macro-domínio em relação a suas subfunções, descritas na seção 4.1.1.

especializações e, em caso afirmativo, se a trajetória de tais especializações é a mesma no PB e no PE; d) buscar indícios de mudança em progresso com base na distribuição sociolingüística dos seqüenciadores no PB e no PE.

Proponho a *especialização* para contextos lingüísticos distintos como uma solução possível para a batalha territorial travada no âmbito da seqüenciação. Na retaguarda, atuando como um dos principais motivadores, parece estar o princípio da *marcação* (GIVÓN, 1995). Tenho por hipótese que o PB e o PE possuem domínios funcionais de seqüenciação de informações com características diferenciadas – diferentes conectores, diferentes especializações – e que é possível obter indícios de natureza lingüística e social de que esses domínios navegam rumo a diferentes portos.

Nas próximas seções, apresento o enfoque teórico, a metodologia utilizada, o detalhamento da variável estudada e a análise dos resultados concernentes ao controle das variáveis independentes lingüísticas e sociais, e, por fim, as considerações finais.

1. Enfoque teórico

A Sociolingüística Variacionista e o Funcionalismo Lingüístico estudam a língua em uso, cuja natureza heterogênea abre espaço para a dinamicidade e a variação. Ambas as perspectivas teóricas valem-se de tratamento empírico com quantificação estatística como evidência para atestar fenômenos de variação e mudança (LABOV, 1994, 2001; GIVÓN, 1995; BYBEE; HOPPER, 2001). Para a Sociolingüística Variacionista, a variabilidade é uma propriedade essencial da língua e um pré-requisito para a mudança lingüística, podendo ser vista como um indício

sincrônico de um processo em andamento que pode eventualmente resultar em mudança categórica. Um dos pressupostos básicos é de que a variabilidade é regular, podendo ser sistematizada e analisada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores passíveis de contribuir para a seleção de uma ou outra das formas variantes que disputam determinado emprego.

Costumam ser consideradas como variantes formas que tenham o mesmo significado, isto é, que se refiram ao mesmo estado de coisas (LABOV, 1978). Entretanto, para tomar o domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora como variável dependente, faz-se necessário estender a noção de significado laboviana de modo a abarcar o plano funcional, pois a seqüenciação é uma função de natureza relacional, pertinente ao âmbito gramatical e, mais especificamente, à interligação de partes do discurso. E qual é o seu significado? É o valor⁴ de indicar um ponto passado no discurso e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro, que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Assim, direciona para frente, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois. Trata-se de uma função-significação,⁵ isto é, um significado que reflete o contexto comunicativo, pois suas marcas formais apenas indicam haver uma relação de continuidade e consonância entre informações conectadas. Uma vez que os conectores seqüenciadores desempenham uma mesma função-significação relacional e aparecem intercambiavelmente em diversos contextos, podem ser estudados como variantes de uma mesma variável.

⁴ O termo *valor* é utilizado, na literatura funcionalista, tanto para significado quanto para função (cf. RAMAT, 1998, p. 114).

⁵ A expressão *função-significação* foi emprestada de NICHOLS (1984).

Fenômenos de variação podem passar por longos períodos de estabilidade ou ser resolvidos ao longo do tempo. No caso de itens de um mesmo domínio funcional, uma das seguintes possibilidades de solução para a variação pode estar em jogo: (i) uma ou mais das variantes vão perdendo espaço para as demais até desaparecer; (ii) cada variante se especializa para funções ou contextos distintos, eliminando-se assim a variação (TAVARES, 1999, p. 123). O controle de grupos de fatores lingüísticos típico dos estudos variacionistas permite caracterizar os contextos preferenciais de uso de cada uma das variantes, e, assim, obter indícios de suas especializações. Se estiver em curso uma mudança, os indícios de especializações lingüísticas auxiliarão a mapear as trajetórias possíveis de serem seguidas por cada forma.

Motivações cognitivas podem estar subjacentes às especializações sofridas por um dado item. Uma dessas motivações é representada pelo *princípio da marcação*. GIVÓN (1995, p. 28) propõe três critérios básicos de marcação: (i) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a não marcada; (ii) distribuição de freqüência: a categoria marcada tende a ser menos freqüente que a não marcada; (iii) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa que a não marcada, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Com base em tais critérios, é possível distribuir as variantes que integram um mesmo domínio funcional em uma escala de menos a mais marcada, bem como avaliar os contextos de uso das mesmas. Cada forma fixaria residência em um espaço compatível?

Além da análise de especializações porventura manifestadas por cada variante no âmbito lingüístico, o controle de grupos de fatores sociais, em especial a

estratificação etária, pode revelar mudança em andamento. Índícios de mudança são buscados pela Sociolinguística Variacionista em estudos que envolvem dados de tempo real e/ou de tempo aparente, isto é, dados de épocas passadas (décadas, séculos) – o uso em tempo real; ou dados atuais, caso deste estudo, relacionando-se as variantes à idade dos informantes – o uso atual como reflexo do uso passado e fonte dos usos futuros (LABOV, 1994, 2001). Se uma mudança estiver em curso, possivelmente serão encontradas diferenças nas frequências e pesos relativos das variantes entre falantes mais jovens e mais velhos. Esses indícios etários, somados aos indícios de especializações linguísticas, representam uma das maneiras mais eficazes de observar mudança *on line* em uma fatia sincrônica da língua. Encontraremos evidências de qual dessas situações no âmbito da seqüenciação no PB e no PE: paz ou guerra? semelhança ou diferença?

2. Passos metodológicos

Para a realização deste estudo, utilizo dois *corpora* de fala, ambos compostos por 36 entrevistas de 36 informantes, distribuídos homogeneamente em relação às variáveis sociais sexo, idade e escolaridade, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

ESCOL.	FEMININO			MASCULINO		
	15 a 21 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos	15 a 21 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos
4 anos	2	2	2	2	2	2
8 anos	2	2	2	2	2	2
11 anos	2	2	2	2	2	2

Os dados do PB⁶ foram extraídos de entrevistas com informantes florianopolitanos fornecidas pelo Projeto VARSUL/UFSC.⁷ Considero apenas os 30 minutos finais das entrevistas, que têm cada uma cerca de 60 minutos de duração. Obtive um total de 2.922 dados, assim distribuídos: 1.265 *e*, 781 *aí*, 201 *daí* e 675 *então*.

Os dados do PE foram extraídos de um *subcorpus* do *Corpus de Frequência*, integrante do *Projeto do Português Fundamental* (cf. NASCIMENTO; MARQUES; CRUZ, 1987). Como foi impossível obter células sociais idênticas às do Projeto VARSUL utilizando-se entrevistas de apenas uma das cidades portuguesas que integram o *subcorpus*, selecionei 36 informantes provindos de diversas cidades.⁸ Trata-se de entrevistas curtas, com 500 palavras gráficas cada uma, e, no total, apenas 371 dados de seqüenciadores: 303 *e*, 09 *então* e 59 *portanto*. Outra diferença a ser ressaltada é que o *corpus* do PE foi gravado no início da década de 70 e o *corpus* do PB no início da década de 90. Assim, as tendências observadas a partir dos dados extraídos do *corpus* do PE podem estar mais avançadas atualmente em Portugal e

⁶ Emprego a denominação “*corpus* do PB” em referência a dados de naturalidade unicamente florianopolitana, embora tenha consciência de que um pequeno pedaço ilha/continente do Brasil não possa representar sua totalidade. A respeito, em estudo anterior, comparei a seqüenciação de informações em Florianópolis e no Rio de Janeiro (TAVARES, 2000), utilizando, como fonte de informações para o que ocorre em terras cariocas, dados provindos de SILVA e MACEDO (1989). Verifiquei que a distribuição dos seqüenciadores *e* e *aí* em ambas as comunidades de fala é bastante próxima, tanto para variáveis lingüísticas quanto sociais. Entretanto, o país é imenso e muitas são as comunidades...

⁷ Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul.

⁸ Dos trinta e seis informantes portugueses, vinte e quatro são de Lisboa, e os demais de Braga, Bragança, Coimbra, Leiria, Porto, Santarém, Vila Real e Viseu.

estudos valendo-se de *corpora* mais recentes já poderiam confirmar ou refutar os rumos de mudança para o PE antevistos aqui.

O princípio de marcação, por hipótese, desempenha um importante papel como instigador de condicionamentos lingüísticos no domínio da seqüenciação. No entanto, é preciso lembrar que a utilização da noção de marcação exige um imenso cuidado com o intuito de evitar-se a circularidade. Para tanto, certos passos metodológicos são seguidos. Inicialmente, cada variante é avaliada e diferenciada quanto ao grau de marcação, de acordo com os critérios propostos por GIVÓN (1995). Como, no caso da seqüenciação retroativo-propulsora, são tomadas como variantes mais de duas formas tanto no PB quanto no PE, é deixada de lado a dicotomia marcado/não marcado, para que se possa tratar o fenômeno como escalar, distribuindo-se os conectores em uma escala de menos a mais marcado.

Depois dessa distribuição inicial, os fatores de cada variável independente também são distinguidos entre si, empregando-se os mesmos critérios. Só então ocorre a análise variacionista, considerando-se a relação entre as variantes e seus diferentes fatores condicionadores, com a hipótese de que os contextos definidos como mais marcados favoreçam variantes definidas como mais marcadas. Se essa hipótese for invalidada pelos resultados, as distribuições escalares das variantes e fatores lingüísticos quanto à marcação elaboradas anteriormente à análise variacionista não serão alteradas, pois modificar a proposta inicial com base nos resultados obtidos posteriormente significaria incorrer em circularidade. Se as hipóteses relativamente à marcação não forem confirmadas, o que será evidenciado é que a marcação não é tão determinante na variação entre os seqüenciadores quanto o esperado.⁹

Foi empregado o pacote estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988) para cálculo de freqüências, percentuais, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos grupos de fatores testados. Foram realizadas rodadas binárias distintas considerando cada variante como aplicação da regra, *versus* as demais.¹⁰ Dadas as diferenças entre os *corpora* mencionadas acima, cada um deles foi rodado em separado e posteriormente foi feita a comparação entre os resultados.

Ao todo, foram controlados seis grupos de fatores lingüísticos – subfunção seqüenciadora, tipo de discurso, nível de articulação, grau de conexão, aspecto verbal e traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector – e três grupos de fatores extralingüísticos – sexo, idade e escolaridade. Todos esses grupos foram selecionados como significativos pelo VARBRUL. Por uma questão de espaço, apresento na seção 4 apenas os resultados para os dois grupos lingüísticos e os dois grupos sociais mais relevantes: subfunções, níveis de articulação, escolaridade e idade. Contudo, antes cabe um olhar mais detalhado sobre as variantes da seqüenciação...

⁹ Outro ponto importante a salientar é que a proposta de distinção entre os conectores quanto à marcação não implica a existência de diferenças de função-significação entre eles. O fato de um conector ser menos ou mais marcado indica que é mais ou menos provável em certos contextos, em detrimento de outros conectores de mesmo ou semelhante significado. Assim, as formas manifestam a mesma função-significação, mas não a mesma complexidade estrutural e cognitiva.

¹⁰ Realizei também várias rodadas ternárias e eneárias, que confirmaram o quadro de condicionamentos apontado pelas rodadas binárias.

3. Variantes da seqüenciação: complexidade diversa?

Em Florianópolis, as variantes da seqüenciação são os conectores *e*, *aí*, *daí* e *então*. Em Portugal, as variantes são os conectores *e*, *então* e *portanto*. Urge sublinhar que as unidades tratadas aqui como “as” formas variantes da seqüenciação não são as únicas a serem usadas em tal função nos *corpora*. Há outros itens que exibem a seqüenciação: *depois*, *por isso*, *assim*, *por conseguinte*, etc. Decidi excluí-los da análise por serem pouco recorrentes nos *corpora* selecionados para este estudo. Também excluí usos de conectores conjugados, como *e então*, *daí então* e *e portanto*, por acreditar que mereçam análise à parte. Enfim, as formas que partilham os maiores nacos do território da seqüenciação na fala do PB e do PE são *e*, *aí*, *daí*, *então* e *portanto* e é a disputa por espaço travada entre elas que focalizo.

No PB, a distribuição dos conectores seqüenciadores de acordo com graus de marcação resultou em uma escala de marcação crescente: *e* > *aí* > *daí* > *então*. *E* e *aí* parecem ser as formas menos marcadas: são mais recorrentes (cf. tabela 1). Destas, *e* é a mais fácil de processar: é menor, além de ser átona, em oposição às demais, que são tônicas. *Daí* e *então* são as formas mais longas e menos freqüentes no *corpus*, possivelmente exigindo mais atenção e tempo de processamento do que *e* e *aí*. Pelas mesmas razões, proponho a seguinte distribuição quanto aos conectores do PB: *e* > *então* > *portanto*.¹¹

¹¹ Não considero *daí* o seqüenciador mais marcado no PB e *então* o mais marcado no PE, embora sejam os menos freqüentes. No caso do PB, apesar de a freqüência do *então* ser maior que a do *daí*, creio que aquele é mais marcado do que este não apenas por ser maior, mas porque tenho por hipótese que a inclusão de dados de fala de crianças na análise, um dos próximos passos desta pesquisa, resultará num aumento no total de dados de *daí*, que pode passar a ter freqüência maior que a do *então*. Para o PE, decidi considerar a forma mais longa como mais marcada, apesar de não ter previsões do que a inclusão de dados de fala de crianças poderia acarretar.

4. Seqüenciação no PB e no PE: mudança em progresso?

Nas próximas seções, a discussão acerca da influência de cada grupo de fatores condicionadores está organizada nas seguintes etapas: caracterização do grupo de fatores e formulação das hipóteses, a que se segue a apresentação e a discussão dos resultados. As variáveis independentes controladas são expostas na seguinte ordem: subfunção seqüenciadora, nível de articulação tópica, escolaridade e idade.

4.1 Subfunção seqüenciadora

4.1.1 Caracterização e hipóteses

Em um estudo anterior (TAVARES, 1999), foram identificadas cinco subfunções da seqüenciação retroativo-propulsora, em que há a presença de traços de função-significação mais específicos: *seqüenciação textual*, *seqüenciação temporal*, *introdução de efeito*, *retomada e finalização*. Essas mesmas subfunções foram mapeadas nas amostras utilizadas aqui e controladas como grupo de fatores condicionadores, o qual se revelou um dos grupos mais relevantes para o fenômeno variável sob pesquisa.¹²

- Seqüenciação textual: assinala a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente.

¹² *E*, *aí*, *daí* e *então* são empregados, no PB, em todas as subfunções listadas na seção 4.1.1, e *e*, *então* e *portanto* são empregados, no PE, nas três primeiras. Todavia, por uma questão de espaço, optei por colocar apenas dois exemplos de cada uma. Não encontrei casos de retomada e de finalização no *subcorpus* do PE.

- (1) Agora está tudo bom, tudo fácil, né? O- o tempo- O tempo que eu me criei não era fácil, não, era fogo. **E** a gente, às vezes, ainda tinha que buscar lenha até no mato. Às vezes não tinha lenha. O homem que a gente comprava lenha não trazia. (FLP08:1144)¹³
- (2) Por acaso aqui não se nota muito; eu notei, lembro-me no, quando estive no Ultramar, uma coisa que, que eu fazia muito, e ainda hoje, quer dizer, aquele gênero, que eu, eu fiz ginástica – fiz ginástica no Sporting, ginástica aplicada, **e** nós brincávamos muito, assim quando tínhamos campeonatos ou provas, ou exposições, qualquer coisa, sei lá, o à-vontade, é natural que a pessoa também, quer dizer, depois com um bocado de calo cria mesmo à vontade, ter muita gente à volta ou não ter, não faz diferença. (P1325)

• Seqüenciação temporal: seqüencializa temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo.

- (2) Tem que lavar o arroz, botar na- na- no fo- ah, não! Tem que botar a água, **aí** bota o óleo, bota o sal, **aí** bota o arroz. Deixa eu ver o que mais. (FLP17J:1156)
- (3) Mexe-se bem **e** volta ao lume a tomar uma pe(...) pequena fervura. Tira-se, deixa-se arrefecer **e** juntam-se seis claras batidas em castelo; mexe-se... **e** deita-se dentro numa forma que est(...), que foi molhada com água fria, **e** vai para o frigorífico. (P0467)

• Introdução de efeito: introduz informações que representam consequência ou conclusão em relação ao que foi dito anteriormente.

¹³ O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo: (FLP08:1144) = [FLP] informante de Florianópolis, [08] informante número 08, [1144] linha do dado; (P1325) = [P] informante de Portugal, [1325] número da entrevista no *corpus* do *Português Fundamental*.

- (5) Eu tenho uns tios que não chamo de tios, que chamo pelo nome. Por isso que eu entendo ela, não consigo chamar eles de tios, então entendo. É que eu já era a mais velha, **daí** não consegui. (FLP07J: 871)
- (6) Quanto a nós, é que já estamos no período da saturação, **portanto** estamos mais sobrecarregados, porque é preciso ver que todo o serviço de correios tem aumentado, tem desenvolvido. (P0635)

• Finalização: introduz uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico.

- (7) Levava uma surra danada. Então o Coronel A. foi um coronel assim que fez uma limpa na cidade, sabe? negócio de- de roubo. **Então** tinha isso. (FLP18:872)

• Retomada: recupera o assunto interrompido por digressões.

- (8) E dei um livro que eu ganhei dum amigo meu em São Paulo e ele levou pra lê-lo. í Então ali explica muita coisa: adolescente, (hes) tudo. Tudo assim pra uma criança estava- dos tre- doze, treze anos em diante pra, né? í Então isso aí eu dei pra ele. Ele leu, foi lá, conversou. (FLP16:803)

Podemos considerar que o fenômeno aqui abordado envolve uma hierarquia funcional: função > subfunção. Cada um desses níveis poderia ser isolado como variável dependente. Optei por passar a tesoura em torno da função mais geral, tratando as subfunções como grupo de fatores condicionadores. Esse procedimento permite deprender nuances de função-significação diferenciadas que podem estar em jogo no uso de cada variante (cf. NARO, 1998). Ressalvo, porém, que é essencial distinguir se grupos de

fatores de natureza semântico-discursiva desse tipo representam condicionamentos sobre a variação ou se determinam a escolha, situação em que não há variação, apenas distribuição complementar entre formas já especializadas, que já alcançaram o seu lugar ao sol. Veremos na seção de análise que este não é o caso da seqüenciação.

A distinção entre as subfunções seqüenciadoras de acordo com a marcação resultou na seguinte escala de complexidade crescente: seqüenciação textual > seqüenciação temporal > introdução de efeito > retomada > finalização. A *seqüenciação textual* é a menos marcada, pois indica apenas a progressão das informações ao longo do tempo discursivo, podendo ser definida como uma estratégia lingüística coesiva, despida de caráter argumentativo ou de cronologia temporal. A *seqüenciação temporal* tem um traço de significado a mais: indica a cronologia dos eventos narrados, colocando em evidência a ordenação temporal, atuando num plano mais concreto.

Por sua vez, a *introdução de efeito* apresenta um grau de complexidade ainda maior, pois introduz, num plano relativamente abstrato, informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. A característica definidora da *retomada* é o movimento de recuperação de informações anteriores, fornecendo pistas para o interlocutor acerca da volta da seqüência discursiva que vinha sendo desenvolvida e que fora interrompida por uma digressão. Esse movimento é delicado, exigindo, para tornar-se claro, que o falante retome informações já dadas, de forma literal ou com a alteração de algumas palavras. Já a *finalização* destaca a informação que introduz como representando o final do tópico ou do subtópico em andamento até então. Trata-se de um movimento bastante complexo, requerendo muita atenção

por parte do interlocutor: ele deve dar prosseguimento à atividade de fala, já que, depois de introduzir a informação que finaliza o tópico, o falante fica em silêncio, abandonando o turno.

A frequência de cada subfunção também é uma indicação de marcação: as mais frequentes são aquelas que considero as menos marcadas: *seqüenciação textual* e *seqüenciação temporal*, e as menos frequentes são as mais marcadas: *introdução de efeito*, *retomada* e *finalização* (as duas últimas apareceram apenas no PB).

Minha hipótese quanto a possíveis especializações dos conectores relativamente às subfunções seqüenciadoras é de que conectores menos marcados sejam atraídos por subfunções menos marcadas e conectores mais marcados sejam favorecidos por subfunções menos marcadas.

4.1.2 Análise dos resultados

Tabela 1 – Influência da subfunção seqüenciadora no emprego de *e*, *aí*, *daí* e *então* no PB

SUBFUNÇ.	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Seq. Tex.	708/1.288	55	0,69	237/1.288	18	0,38	66/1.288	05	0,41	277/1.288	22	0,49
Seq. Tem.	355/796	45	0,42	340/796	43	0,69	61/796	08	0,53	40/796	05	0,24
Int. Ef.	102/467	22	0,19	119/467	25	0,59	48/467	10	0,66	198/467	42	0,78
Final.	14/74	19	0,29	5/74	07	0,20	8/74	11	0,70	47/74	74	0,85
Retom.	86/297	29	0,44	80/297	27	0,45	18/297	06	0,50	113/297	38	0,70
TOTAL	1.265/2.922	43		781/2.922	27		201/2.922	07		675/2.922	23	
	<i>Impoe.</i> : 42	Sig.: 000	1° selecionado	<i>Impoe.</i> : 23	Sig.: 009	2° selecionado	<i>Impoe.</i> : 03	Sig.: 008	3° selecionado	<i>Impoe.</i> : 17	Sig.: 001	1° selecionado

O *e* é favorecido pela subfunção considerada menos marcada, a *seqüenciação textual*. A *seqüenciação temporal* e a *introdução de efeito* exercem condicionamento favorável sobre o *aí*. A *finalização* e a *introdução de efeito* privilegiam o emprego do *daí* e do *então*, o qual também é influenciado positivamente pela *retomada*, a função mais marcada. Esses resultados indicam possibilidades de especialização de alguns dos

conectores para subfunções distintas, o que eliminaria a variação. No entanto, mesmo tendo encontrado tendências de emprego dos itens averiguados, não constatei o uso categórico de nenhum deles em uma das subfunções. Portanto, embora o pêndulo aponte ora para um ora para outro dos conectores, estes estão disputando um lugar ao sol no desempenho de todas as subfunções. Estão em luta!¹⁴

Tabela 2 – Influência da subfunção seqüenciadora no uso de *e*, *então* e *portanto* no PE

SUBFUNÇÕES	E			ENTÃO			PORTANTO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Seq. Textual	182/207	88	0,64	04/207	02	0,39	21/207	10	0,38
Seq. Temp.	90/92	98	0,72	01/92	01	0,37	01/92	01	0,24
Int. de Efeito	31/72	43	0,05	04/72	06	0,73	37/72	51	0,94
TOTAL	303/371	82		09/371	02		59/371	16	
	<i>Input</i> : .95	Sig.: 023	1° selecionado	<i>Input</i> : .02	Sig.: 033	não selecionado	<i>Input</i> : .04	Sig.: 034	1° selecionado

No PE, o *e* é bastante favorecido pelas subfunções *seqüenciação textual e temporal*, ao passo que *então* e *portanto* têm seu aparecimento fortemente condicionado pela *introdução de efeito*. Ou seja, o *e* parece assumir tarefas mais leves, deixando a subfunção mais marcada ao encargo dos outros seqüenciadores. Como os pesos relativos referentes às subfunções, em especial à *introdução de efeito*, revelam uma

¹⁴ Outra possibilidade a ser levada em conta quando da interpretação de resultados de análises variacionistas é a da variação estável. Os quadros de variação delineados pelas tabelas (1) e (2) poderiam estar estáveis já há bastante tempo e inclusive conservar as mesmas relações de freqüência e peso relativo ainda por muitos séculos. Então o que motiva minha opção por interpretar os resultados como apontando para o fenômeno de mudança em andamento, em que cada forma buscaria especializar-se para diferentes subfunções? Tenho outros indícios que indicam que uma mudança está em progresso, os quais não podem ser discutidos aqui por uma questão de espaço – dentre eles, percursos do desenvolvimento histórico de cada forma e resultados de estudos diacrônicos (cf. TAVARES, 2003).

acentuada polarização entre *e*, de um lado, e *então* e *portanto*, de outro, a batalha parece mais resolvida nesse domínio de seqüenciação!¹⁵ Contudo, ainda não há vitoriosos: não foram constatadas especializações categóricas...

Agora passemos a um sociofuncionalismo comparativo. Os domínios da seqüenciação retroativo-propulsora no PB e no PE aparentam ser diferentes, embora guardem semelhanças. Vamos primeiro a estas: (1) *e* e *então* são freqüentes como seqüenciadores em ambas as comunidades de fala, embora *então* seja mais freqüente no PB; (2) *e* é o seqüenciador mais freqüente tanto aqui quanto lá; (3) *então* destaca-se como introdutor de efeito em ambas as comunidades; (4) *e* é desfavorecido pela introdução de efeito no PB (0,19) e mais ainda no PE (0,5), mas é favorecido pela seqüenciação textual tanto aqui quanto lá. Além dessas semelhanças, é importante destacar que o princípio da marcação parece atuar em ambos os domínios como instigador de especializações: o conector menos marcado, *e*, é o conector mais freqüente no desempenho das duas subfunções menos marcadas no PE e da menos marcada no PB. *Então*, conector marcado, tende às subfunções mais marcadas em ambos os domínios. *Aí* e *daí*, intermediários quanto à marcação, distribuem-se também intermediariamente quanto às subfunções no PB. Finalmente, *portanto*, a forma mais marcada no PE, é favorecida pela subfunção mais marcada.

¹⁵ Uma vez que obtive poucos dados do *então* e que o grupo de fatores referente às subfunções não foi considerado relevante pelo VARBRUL nas rodadas para este conector no PE, realizei uma rodada excluindo seus dados e opondo *e* a *portanto*. Nessa rodada, de *input* .97 e significância .001, os pesos relativos para o *e* passaram a: (i) seqüenciação textual: 0,61; (ii) seqüenciação temporal: 0,76; (iii) introdução de efeito: 0,05. Os pesos relativos para o *portanto* permaneceram os mesmos da rodada inicial.

São pontos de discórdia bastante marcantes: (1) no *corpus* do PE, não encontrei nenhum dado de *aí* e *daí*, conectores que, no *corpus* do PB, representam juntos 34% dos empregos seqüenciadores; (2) *portanto* marca 16% da seqüenciação no PE, mas aparece uma só vez no PB, freqüência baixa demais para que pudesse constar nas rodadas estatísticas. Posso apontar ainda outras diferenças: (3) *então* dá mais o ar de sua graça no PB: 23%, contra apenas 02% no PE; (4) *então* é mais desfavorecido pela seqüenciação temporal e mais favorecido pela seqüenciação textual no PB, em relação ao PE; (5) a seqüenciação temporal atua entre neutra a levemente desfavorecedora para *e* no PB, mas é a maior condicionadora do seu emprego no PE.

O fato do PB e do PE privilegiarem conectores distintos parece ser a diferença mais evidente entre eles quanto à seqüenciação. A emergência de *aí* e de *daí* como seqüenciadores no PB deve ter gerado estranhamentos, antipatias, deslocamentos e mudanças em geral no domínio da seqüenciação. Exemplos: *e*, mesmo sendo o seqüenciador mais recorrente em ambas as comunidades de fala, perfaz 82% dos dados do PE e apenas 43% do PB. A seqüenciação textual favorece o *e* no PB e no PE, mas a freqüência é diversa: 55% *versus* 88%. As formas inovadoras parecem ter exigido que as demais dividissem seu espaço com elas, distanciando-se nosso domínio de sua contraparte européia: temos aqui mais conectores de alta freqüência competindo pelas vagas, cada qual em busca de sua especializaçõzinha. Da mesma forma, o espraiamento de *portanto* no PE, que não aconteceu no PB, deve ter colaborado para um maior distanciamento entre os domínios d'aquém e d'além mar: em Portugal, *portanto* parece vir garantido seu espaço na fala. Hipóteses para investigações futuras...

É importante lembrar que o *corpus* pouco avantajado

do PE, com apenas 301 dados, pode ser responsável pela ausência das subfunções mais marcadas – finalização e retomada –, que, de qualquer modo, não são muito freqüentes mesmo no universo de 2.922 dados do PB. A pequena extensão do *corpus* português também pode ser responsável pela pouca relevância dos diversos grupos de fatores lingüísticos e sociais testados para o *então* na rodada geral, que só teve selecionado o grupo de fatores idade. Entrevistas mais extensas forneceriam mais dados de cada um dos conectores e permitiriam a observação mais refinada de suas tendências de especialização, a exemplo do que foi possível fazer a partir das entrevistas do PB.

4.2 *Nível de articulação*

4.2.1 Caracterização e hipóteses

Considero os seguintes níveis de articulação:

• Inter-oracional: o conector interliga orações, dentro de um segmento tópico:

- (9) Faz a massa, **daí** deixa crescer um pouco. Daí faz uma bolinha, depois recheia com catupiri, fecha, deixa crescer. (FLP07J:1014)
- (10) E foi bem bom quando ele deu um tipo de um passe, né? que põe a mão na cabeça **e** dá um sopro, diz algumas palavras. (FLP11J:1106)
- (11) São abertos, de abrir e fechar... Nós também tivemos desse gênero, mas aquele é fixo, **portanto** tem o quadro central que é curiosíssimo! (P0090)
- (12) Coloca a bandeja em cima do computador, portanto, pega nas pernas, põe-nas atrás do computador **e** coloca o tronco em cima. (P0029)

• Tópico: o conector interliga as partes constituintes do tópico – entendido aqui como o assunto do qual se fala – e ocupa a posição inicial dos segmentos tópicos, dos subtópicos e dos tópicos em si:¹⁶

- (13) São pais que não entendem, né? Por exemplo, se é um dia que estão pegando peixe, a época da tainha, vão aquelas crianças tudo já pra praia. Então eles acham que a gente tem que dar freqüência pra criança, porque a criança estava trabalhando. Mas não, a escola é uma coisa e o trabalho da casa é outro, né? **Então** foi assim, muito difícil de hospedagem. Primeiro ano me hospedei com meus tios, o segundo ano já me hospedei com a ex-diretora, depois fiz uma permuta com a professora aqui pra Biguaçu, mas não gostei de trabalhar em Biguaçu, voltei pra mesma vaga que se encontrava na Pinheira. (FLP12:1246)
- (14) A professora tinha o interesse de que os pais conhecessem como é que estava a situação do aluno. **E**, até por ser um- uma coisa mais fácil, o contato mais fácil, quando o pai não ia na escola saber, a professora ia na casa dos pais, né? (FLP21:1115)
- (15) Outra pessoa qualquer pede ao mordomo: “Eu gostava que minha filha ou meu filho fosse coroado”, e a corou, a coroação... **Então** sai o cortejo, aquelas meninas, aqueles rapazes, vestidas de branco as meninas, e tudo, levam ofertas, doces, geralmente, ou fruta, vão pelas ruas. (P0111)
- (16) Inclusivamente chegava-se ao apuro de ter que pedir autorização, se fosse necessário uma operação ou qualquer coisa para que a criança fosse operada... isso... é, é uma tristeza. **E** a gente, a gente, não é? não, não faz idéia do que se passa; **e** há montes de coisas neste gênero, não é? (P0053)

¹⁶ Para um maior detalhamento acerca das distinções entre os níveis de articulação listados acima, conferir TAVARES (1999).

É possível relacionar esses dois níveis de articulação à questão da coerência. Segundo GIVÓN (1995), enquanto propriedade observável no texto, a coerência pode ser definida como continuidade ou recorrência de algum(ns) elemento(s) sobre um determinado espaço textual. Dentre tais elementos, seis são apontados pelo autor como melhores indícios para a avaliação da coerência, por serem de natureza mais concreta e, por isso, mais facilmente mensuráveis. São eles: referência, temporalidade, aspectualidade, modalidade/modo, localização e ação/*script*. Esses subcomponentes da coerência podem se estender seja localmente, entre orações adjacentes, seja globalmente, ao longo de estruturas textuais maiores.

Ligada à coerência local, a articulação inter-oracional pode ser considerada como reflexo de processamento mental menos complexo, apresentando maior continuidade dos subcomponentes da coerência: referencialidade, temporalidade, etc. A continuidade desses elementos resulta em um maior amarramento entre as informações interligadas, o que permite um processamento mais automático das mesmas. Já os graus mais globais de coerência são reflexos de processamentos mais complexos, em que há maior descontinuidade entre as informações interligadas, manifestada de modo crescente nos níveis de articulação agrupados aqui sob o rótulo de “tópico” (segmentos tópicos, subtópicos e o tópico em si).

Minha hipótese é que quanto maior a descontinuidade entre as informações na fala, maior a complexidade cognitiva necessária para processá-las e interpretá-las, o que leva à necessidade de maior marcação lingüística, isto é, da presença de um conector mais “pesado”, como *então* ou *portanto*, que devem predominar no nível de articulação tópico. Já o nível de articulação inter-oracional deve favorecer o aparecimento do conector menos marcado, o *e*.

4.2.2 Análise dos resultados

Tabela 3 – Influência do nível de articulação no uso de *e*, *aí*, *daí* e *então* no PB

NÍVEL	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Inter-or.	356/519	69	0,80	85/519	16	0,29	25/519	05	0,33	53/519	10	0,31
Tópico	909/2.403	38	0,43	696/2.403	29	0,55	176/2.403	07	0,54	622/2.403	26	0,54
TOTAL	1.265/2.922	43		781/2.922	27		201/2.922	07		675/2.922	23	
	<i>Irpa</i> : .42 Sig.: 000 2º selecionado			<i>Irpa</i> : .23 Sig.: 009 3º selecionado			<i>Irpa</i> : .03 Sig.: 008 4º selecionado			<i>Irpa</i> : .17 Sig.: 001 4º selecionado		

Os níveis de articulação agrupados como “tópico” inclinam-se a favorecer *aí*, *daí* e *então* e a inibir o *e*. Por outro lado, o nível inter-oracional favorece fortemente o *e*. Apesar das tendências manifestadas por cada forma, novamente não foram constatados usos categóricos. A maior variação ocorre no âmbito tópico, em que os pesos relativos encontram-se em torno de 0,55 para *aí*, *daí* e *então*, evidenciando uma concorrência mais acirrada da que acontece no nível inter-oracional, em que o peso relativo de 0,80 obtido para o *e* contrasta com os pesos obtidos para os demais, em torno de 0,30.

Tabela 4 – Influência do nível de articulação no uso de *e*, *então* e *portanto* no PE

NÍVEL	E			ENTÃO			PORTANTO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
Inter-oracional	125/131	95	0,87	01/131	01	0,27	05/131	04	0,19
Tópico	178/240	74	0,26	08/240	03	0,63	54/240	23	0,69
TOTAL	303/371	82		09/371	02		59/371	16	
	<i>Irpa</i> : .95 Sig.: 023 2º selecionado			<i>Irpa</i> : .02 Sig.: 033 não selecionado			<i>Irpa</i> : .04 Sig.: 034 2º selecionado		

No PE, o nível inter-oracional tende ainda mais ao favorecimento do *e* (com peso relativo de 0,87), comparando-se com o PB (0,80). Ressalte-se que a frequência do *e* é quase categórica nesse nível no PE (95%), diferente do que ocorre no PB (69%). Já *então* e *portanto* são fortemente condicionados pelo nível tópico, com pesos relativos de 0,63 e 0,69 respectivamente.

Essa acentuada polarização entre *e*, de um lado, e *então* e *portanto*, de outro, parece indicar que a competição está mais resolvida no domínio do PE. No entanto, mais uma vez não foram encontradas especializações categóricas... Há territórios em disputa, especialmente no nível de articulação tópico. De qualquer forma, a variação entre os seqüenciadores nos dois níveis de articulação ora considerados é maior no PB, em que pesos relativos e freqüências não são tão altos para nenhuma das formas. Talvez o fato de haver, no Brasil, um maior número de conectores disputando as vagas explique tais diferenças.

4.3 *Escolaridade*

4.3.1 Caracterização e hipóteses

Levo em conta três níveis de escolaridade: quatro, oito e onze anos (no Brasil, correspondentes a primário, ginásio e colegial). Acredito que, no PB, *aí* e *daí* sejam condicionados favoravelmente na fala de pessoas de menor nível de escolaridade (quatro anos), pois os empregos conectivos dessas formas costumam ser considerados vícios de linguagem pelos professores de língua portuguesa em geral, e, à medida que a escolarização avança, sua recorrência deve diminuir. Como não disponho de informações acerca do *status* das formas seqüenciadoras *e*, *então* e *portanto* entre os falantes do PE, não teço hipóteses para resultados relativos à escolaridade nessa comunidade de fala.

4.3.2 Análise dos resultados

Tabela 5 – Influência da escolaridade no uso de *e*, *aí*, *dai* e *então* no PB

ESCOLA	E			AÍ			DAI			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
4 anos	437/1.133	39	0,46	444/1.133	39	0,64	88/1.133	08	0,55	164/1.133	14	0,39
8 anos	422/908	46	0,51	171/908	19	0,42	69/908	08	0,50	246/908	27	0,56
11 anos	406/881	46	0,55	166/881	19	0,40	44/881	05	0,44	265/881	30	0,59
TOTAL	1.265/2.922	43		781/2.922	27		201/2.922	07		675/2.922	23	
	<i>Input.</i> : 42 Sig.: 000 4° selecionado			<i>Input.</i> : 23 Sig.: 009 1° selecionado			<i>Input.</i> : 03 Sig.: 008 não selecionado			<i>Input.</i> : 17 Sig.: 001 3° selecionado		

Confirmando a hipótese inicial, há uma inclinação para que o *aí* ocorra na fala das pessoas com apenas quatro anos de escolaridade, paralelamente a seu desfavorecimento na fala de pessoas mais escolarizadas. O comportamento do *dai* é semelhante ao do *aí*, apenas revelando-se diferenças menos acentuadas entre os pesos relativos para o primeiro. Diferentemente, indivíduos de maior escolaridade privilegiam o uso do *e* e do *então*.

Tabela 6 – Influência da escolaridade no uso de *e*, *então* e *portanto* no PE

ESCOLA	E			ENTÃO			PORTANTO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
4 anos	123/137	90	0,63	05/137	04	0,65	09/137	07	0,28
8 anos	92/111	83	0,61	01/111	01	0,29	18/111	16	0,44
11 anos	88/123	72	0,27	03/123	02	0,52	2/123	26	0,78
TOTAL	303/371	82		09/371	02		59/371	16	
	<i>Input.</i> : 95 Sig.: 023 3° selecionado			<i>Input.</i> : 02 Sig.: 033 não selecionado			<i>Input.</i> : 04 Sig.: 034 3° selecionado		

Em contraste com os resultados para o PB, os resultados para o PE mostram uma preferência pelo *e* e pelo *então* por parte das pessoas de escolaridade mais baixa, ao passo que o *portanto* é bastante favorecido pelas pessoas de mais escolaridade. Talvez o desfavorecimento do *então* entre indivíduos de escolaridade intermediária deva ser

desconsiderado, pois há poucos dados (apenas um). O que é mais significativo quanto às influências da escolaridade sobre o uso dos seqüenciadores no PE é a oposição entre *e* e *portanto* e, em relação às diferenças PB *versus* PE, o fato de *e* aparecer aqui entre os mais escolarizados e lá entre os menos escolarizados.

Como comumente ocorre com formas inovadoras,¹⁷ *ai* e *daí* receberam avaliação negativa por parte dos falantes do PB e passaram a ser perseguidos nas escolas, o que deve ter motivado a utilização de *e* e de *então* como alternativas não estigmatizadas de seqüenciar informações. O fato de *e* e de *então* serem bem conceituados ou ao menos não estigmatizados pelos brasileiros explicaria as diferenças encontradas entre PB e PE quanto à estratificação por níveis de escolarização. À medida que *ai* e *daí* começaram a ocupar territórios no domínio da seqüenciação, devem ter levado a alterações não apenas no espaço lingüístico ocupado pelos demais conectores, mas também no espaço social.

4.4 Idade

4.4.1 Caracterização e hipóteses

Na busca da influência da idade dos informantes sobre o uso dos seqüenciadores retroativo-propulsores, considerei três faixas etárias, as mesmas controladas pelo Projeto VARSUL: entre 15 e 21 anos, entre 25 e 49 anos e mais de 50 anos. Parti da hipótese de que informantes adolescentes (15-21 anos) usariam mais o *ai* e o *daí*, ao passo que os informantes adultos usariam mais o *e* e o *então*.

¹⁷ Conferir em Tavares (2003) uma análise a respeito do período de surgimento, em português, dos usos seqüenciadores de *e*, *ai*, *daí* e *então*.

Essa hipótese possui dupla motivação: (a) o tempo de serviço das formas e (b) o menor *status* geralmente ligado a duas delas. *Aí* e *daí* são mais recentes na língua, em comparação com *e* e *então*. Formas inovadoras costumam sobressair-se na fala de pessoas jovens, especialmente quando são relacionadas a estilos menos formais e/ou quando são estigmatizadas em certos contextos, caso de *aí* e de *daí*. Os adolescentes tendem às formas inovadoras e de menor *status* provavelmente devido à necessidade de estabelecimento de identidade própria, com o conseqüente afastamento dos mais velhos, e à busca de identificação com os membros do grupo adolescente (CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001). Tais fatores podem fazer com que usos lingüísticos inovadores difundam-se mais rapidamente entre os jovens e tenham sua freqüência de ocorrência bastante aumentada.

4.4.2 Análise dos resultados

Tabela 7 – Influência da idade no uso de *e*, *aí*, *daí* e *então* no PB

IDADE	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
15-21	461/1.004	42	0,49	310/1.004	31	0,54	160/1.004	16	0,83	113/1.004	11	0,32
25-49	421/966	40	0,47	283/966	29	0,52	27/966	3	0,32	273/966	28	0,59
+ de 50	383/952	28	0,55	188/952	20	0,44	14/952	1	0,28	289/952	30	0,61
TOTAL	2.922/1.265	43		2.922/781	27		2.922/201	07		2.922/675	23	
	<i>hipoc.</i> : 42	Sig.: 000		<i>hipoc.</i> : 23	Sig.: 009		<i>hipoc.</i> : 03	Sig.: 008		<i>hipoc.</i> : 17	Sig.: 001	
	5° selecionado			5° selecionado			1° selecionado			2° selecionado		

Falantes de mais de 50 anos tendem à utilização do *e*, ao passo que falantes das outras faixas etárias mostram uma atuação praticamente neutra referente à forma em questão. Falantes com menos de 50 anos favorecem o *aí*. Quanto ao *daí*, verifica-se uma acentuada polarização entre os pesos relativos 0,83 e 0,32/0,28, atribuídos a pessoas de 15 a 21 anos e a pessoas de mais de 25 anos respectivamente. Ou seja, os adolescentes tendem largamente ao uso da forma,

enquanto falantes com mais de 25 anos parecem evitá-la. *Então* predomina na fala dos informantes de mais de 25 anos. É interessante ressaltar a polarização entre as faixas de 15 a 24 anos, com peso relativo de 0,32, e as faixas de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, com pesos relativos de 0,59 e 0,61 respectivamente.

O que podemos inferir desses resultados? Parece estar havendo uma disputa especialmente entre *daí* e *então*: os adolescentes estão impulsionando bastante o uso do *daí* (peso relativo de 0,83) e reduzindo fortemente o uso do *então* (0,32). O fato de haver um uso intenso de uma forma inovadora entre os jovens e uma grande retração de uma forma mais antiga na mesma faixa etária, além do fato de os dois grupos etários adultos apresentarem uma distribuição linear decrescente para *daí* e crescente para *então*, pode ser tomado como indício de uma mudança vigorosa em andamento (cf. LABOV, 2001). Outro indício de que essas formas estão sofrendo um processo de mudança em progresso é a ordem de seleção da variável idade pelo VARBRUL: foi considerada a mais significativa para o *daí* e a segunda mais significativa para o *então*. Estaria o *daí* tomando territórios do *então*, especialmente na fala dos jovens?

Talvez o *aí* esteja passando por uma mudança menos vigorosa, pois seu uso diminui gradualmente com o avanço da idade, com uma queda mais acentuada entre as duas faixas mais velhas. O *e* aparenta um estado de maior estabilidade, revelado pela diferença pouco acentuada entre os pesos relativos, embora seja digna de nota uma certa preferência em relação a ele manifestada por parte dos falantes com mais de 50 anos.

Se considerarmos que *e* e *então* são, dentre os conectores sob investigação, os mais antigos a desempenhar a função de seqüenciação, sendo os mais recentes *aí* e *daí*, é

possível interpretar os resultados relativos ao grupo de fatores idade como indícios da ocorrência de mudança em andamento no sentido de as formas mais recentes estarem ocupando pouco a pouco o espaço das formas mais antigas, o que pode levar à mudança lingüística: as formas mais inovadoras podem vir a predominar na seqüenciação, em detrimento das mais antigas.

Tabela 8 – Influência da idade no uso de *e*, *então* e *portanto* no PE

IDADE	E			ENTÃO			PORTANTO		
	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR	Ap./Tot.	%	PR
De 15 a 21 anos	90/127	71	0,28	07/127	06	0,78	30/127	24	0,66
De 25 a 49 anos	93/113	82	0,55	01/113	01	0,36	19/113	17	0,53
Mais de 50 anos	120/131	92	0,68	01/131	01	0,32	10/131	08	0,32
TOTAL	303/371	82		09/371	02		59/371	16	
	<i>Input</i> : .95	Sig.: 023		<i>Input</i> : .02	Sig.: 033		<i>Input</i> : .04	Sig.: 034	
		4° selecionado			único selecionado			5° selecionado	

Semelhantemente ao que ocorre com sua contraparte no PB, o *e* lusitano concentra-se na fala dos indivíduos de mais idade, porém os pesos relativos (de 0,28 a 0,68) mostram diferenças mais intensas e há um grande desfavorecimento a seu uso na fala dos adolescentes. *Então* apresenta um declive acentuado caracterizado por uma grande freqüência na fala adolescente, ao contrário do que ocorre no PB, em que se destaca entre os mais velhos. *Portanto* revela uma distribuição linear que parece apontar para o fenômeno de mudança em andamento: há um pico de uso entre os adolescentes e uma queda brusca na faixa etária mais velha. É interessante salientar que o *e* parece estar perdendo espaço para o *então* e para o *portanto* entre os falantes mais jovens. Talvez essa seja a direção da mudança no domínio da seqüenciação do PE. Já no PB, a aposta baseada nos resultados fornecidos pela Tabela (7) é a de que está em curso uma mudança em direção a uma conquista de mais espaço no domínio da seqüenciação

por parte do *aí* e notadamente do *daí*, em detrimento do *e* e principalmente do *então*. Os rumos lá e cá, afinal, são diferentes...

Considerações finais

Neste artigo, investiguei como estão delineados atualmente os domínios da seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala no PB e no PE. Os resultados revelam a inexistência de um reino singular responsável por seqüenciar as informações d'aquém e d'além mar, no qual os conectores se distribuiriam de modo igual ou semelhante em termos de freqüência e pesos relativos. O fato de que itens diferentes estão disputando espaço com *e* e *então* – os “brasileiros” *aí* e *daí* e o “português” *portanto* –, somando-se aos resultados obtidos para os grupos de fatores lingüísticos e sociais permite-nos falar em “domínios” no plural.

A análise dos condicionamentos sobre o domínio da seqüenciação no PB traz à tona indícios de conflito: as formas parecem competir pela divisão de território na seqüenciação em geral (nenhuma delas representa mais do que 43% do total de dados) e em cada subfunção, já que, apesar de haver tendências de especialização de certos conectores em certas subfunções, os resultados quantitativos não apontam empregos categóricos. Além disso, também observamos a existência de disputa pelos níveis de articulação: embora o *e* esteja bastante associado ao nível inter-oracional, os números mostram haver variação tanto no nível tópico quanto no inter-oracional.

O domínio do PE aparenta estar em uma situação mais pacífica, pois o *e* é responsável por 82% do total de dados e há uma forte concentração sua nas subfunções menos marcadas, restando a *então* e a *portanto* a disputa pela mais

marcada. Também podemos apontar que, quanto aos níveis de articulação, a acentuada polarização entre *e*, de um lado, e *então* e *portanto*, de outro, é um indicativo de que a competição está mais resolvida no PE. De qualquer forma, os indícios de especialização lingüística evidenciam que os domínios da seqüenciação no PB e no PE têm navegado rumo a diferentes portos.

Os domínios da seqüenciação nas duas comunidades de fala consideradas aqui são distintos inclusive quanto à estratificação social manifestada relativamente a cada conector. Assim, verificamos, no PB, uma oposição entre *aí* e *daí*, que predominam na fala de pessoas de menor escolarização, e *e* e *então*, privilegiados por pessoas de maior escolarização. No PE, *e* e *então* são os conectores que se destacam entre as pessoas menos escolarizadas e *portanto* tende a aparecer na fala das mais escolarizadas.

Quanto à idade, no PB, os adolescentes optam especialmente por *aí* e *daí*, contrapondo-se aos mais velhos, que se inclinam em direção a *e* e *então*. No PE, os mais velhos também favorecem o uso do *e*, mas *então* e *portanto* são os conectores preferidos pelos adolescentes. Seriam os resultados referentes à variável idade indícios de mudanças em progresso em direção a domínios de seqüenciação cada vez mais diferenciados? Não se seqüencia aqui como se seqüencia lá...

Referências bibliográficas

BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-Typological Introduction*. Vol.1. Amsterdam: J. Benjamins, 1984.

_____. *English grammar: a functional based introduction*. Vol. I. e II. Amsterdam: J. Benjamins, 1993.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to B. Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44, 1978.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

NARO, A. J. Variação e funcionalidade. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p.109-120, jul./dez.1998.

NASCIMENTO, M. F. B. do; MARQUES, M. L. G.; CRUZ, M. L. S. da. *Português Fundamental*. Volume Segundo. Métodos e Documentos. Tomo Primeiro. Inquérito de Freqüência. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1987.

NEVES, M. H. de M. Estudos funcionalistas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. Especial, p. 70-104. 1999.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology* 13. 1984. p.97-117.

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. ms. 1988.

RAMAT, A. G. Testing the boundaries of grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. (Ed.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p. 107-127.

SILVA, G. M. de O. e; MACEDO, A. T. *Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais*. V Relatório de Pesquisa: Projetos

Mecanismos Funcionais de Uso Lingüístico. Rio de Janeiro, 1989. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis, 1999. 175 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Seqüenciação de informações: condicionamentos sociais em duas regiões do Brasil*. Florianópolis, 2000. Trabalho de Mestrado (Disciplina Sociolingüística Comparativa) – Curso de Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. 307 f. UFSC. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pós-graduação em Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.